

ANTOLOGIA

ES
CO

LAR

LETRAS &
ARTE



2023

ANTOLOGIA ESCOLAR
DO COLÉGIO MILITAR DE JUIZ DE FORA
LETRAS E ARTE



REALIZAÇÃO:

Colégio Militar de Juiz de Fora - CMJF

COMANDANTE E DIRETOR DE ENSINO (2022-2024):

Cel Claudio Eduardo Bouças

SUBCOMANDANTE:

Cel Carlos Roberto Pinheiro de Oliveira

CHEFE DA DIVISÃO DE ENSINO:

Cel Franklin Pacheco de Oliveira Mota Júnior

Coordenação Geral:

SC Rodrigo e Ten Cel R1 Braga

Revisão dos textos:

TC Edna Lira do Nascimento Araujo

PROFESSORES:

Ten Cel R1 Roberto Braga Gomes

Ten Taymara da Silva Reis

Ten Milene Cristine de Castro Teixeira Laguardia

Elisângela Aparecida de Souza Alves

Fernanda Arruda Abrantes

Rodrigo da Silva Cerqueira

Pablo Itaboray de Carvalho

Marcelo Rodrigues de Araújo

Josiane Silveira Coimbra

Bernard Martoni Mansur Correa da Costa

FORMATAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO:

Marlom Silva Veloso

PREFÁCIO.....	5
CMJF 30 Anos: emoções e histórias.....	6
30 anos do Colégio Militar de Juiz de Fora.....	7
A força do destino.....	9
CMJF 30 anos.....	10
Para sempre CMJF.....	11
30 anos de CMJF.....	12
30 anos de sucesso.....	13
Salve, o Colégio Militar.....	14
O álbum de fotografias.....	15
Hora de Celebrar.....	16
Colégio Militar: nossa casa.....	17
Disciplina e Educação.....	18
Coletânea de textos 2022.....	19
Rita.....	20
Vilela.....	21
Camilo.....	22
Comprovinciana de Rita.....	23
Os 200 anos da independência do Brasil.....	24
Os ventos portugueses sobre a independência brasileira.....	25
Independência ou morte.....	26
Independência brasileira ou morte portuguesa.....	27
Uma nova nação.....	28
Rondon, uma aventura na Amazônia!.....	29
Rondon, o Marechal da Paz.....	33
O papel do Marechal Rondon na unidade nacional.....	34
O Marechal Desbravador.....	36
Rondon - Um herói nacional.....	48
Artigo Científico Marechal Rondon.....	49
Rondon - O explorador nacional.....	53
O legado de Cândido Rondon.....	58
Linha Telegráfica de Marechal Rondon.....	59
Narrativas Memorialísticas.....	63
Um dia especial.....	64
Narrativas de aventura.....	65
Navio Assombrado.....	66
Trabalhos Meio Ambiente.....	67

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Este trabalho, do Colégio Militar de Juiz de Fora, representa a tradicional coletânea de produções artísticas. Estimulados pelo olhar atento e dedicado dos professores, os alunos são convidados a apresentarem sua expressão individual sobre diferentes assuntos. Nesse espaço em que palavras, formas e cores expressam todo o empenho e criatividade dos nossos discentes, que encaram um dos grandes desafios de toda produção artística: a folha em branco, um universo de possibilidades a ser explorado.

A partir das aulas de Língua Portuguesa, os alunos convidam os leitores a conhecerem um pouco das escritas resultantes dos encontros realizados em sala de aula, apresentando os diversos gêneros textuais discutidos e ensinados ao longo do ano. Assim: seja na abordagem do cotidiano das crônicas, nas narrativas sintéticas dos contos, nas descobertas das narrativas de aventura ou ainda no explorar da subjetividade e sonoridade poética; nossos alunos apresentam um pouco de seus diálogos com a palavra. Sob o olhar atento dos professores de Artes, variadas produções também se fazem presentes nesta antologia. Foram selecionados diferentes trabalhos visuais que permitem uma ampliação de nossas percepções visuais e para que novas possibilidades do encontro de formas e luzes sejam exploradas.

Na edição em que são comemorados os 30 anos de existência do Colégio Militar de Juiz de Fora, diferentes temáticas são abordadas nesta coletânea. Sob o título "CMJF: emoções e histórias", alguns trabalhos trazem algumas importantes memórias em torno das vivências do Colégio. Transpondo o espaço da escola, nossos alunos contam um pouco sobre os "200 anos da Independência do Brasil", suas histórias e resultados. Ainda em uma preocupação maior do que os muros do quartel, as páginas desta antologia trazem a importância da "Preservação ambiental", tema tão caro ao nosso tempo e futuro, personalizado também em nossos alunos.

Nosso desejo é que as palavras e imagens dessa coletânea sejam a materialidade do encontro entre professor e aluno. Um encontro de troca e aprendizado, um momento em que a fugacidade de nosso tempo seja tomada pelo diálogo, pela calma e pela reflexão, atributos tão importantes para o preenchimento da tão temida folha de possibilidades, marcadas por seu vazio.

Boas leituras!

Bernard Martoni



CMJF 30 ANOS: EMOÇÕES E HISTÓRIAS



30 anos do Colégio Militar de Juiz de Fora

Em 29 de junho de 1993
surge o colégio militar
Estabelecimento que Itamar Franco
veio a inaugurar
E em seu interior
está sempre a formar
Líderes do novo século
do meio civil ou militar

Uma casa contendo altos valores
Que oferece muitas oportunidades
E a estrutura necessária
Para suprir todas as necessidades

Muitos eventos temos
Para os alunos seu talento mostrar
Alguns deles podemos citar
Feira de ciências clubes ou J.A.

Um costume desta casa altaneira
São as formaturas tão costumeiras
Feitas com tanta vibração
Com as tropas desfilando
E ao fundo resplandecendo nosso brasão

As companhias estão sempre a nos ajudar
Seja para apoiar ou medida disciplinar aplicar
A seção pedagógica está a auxiliar
Os professores na nobre missão de educar
Esses que são profissionais de alta qualificação
E que dão ao aluno motivação
De estudar e aprender
Para um dia uma profissão exercer

Na S.E.F. você pode um esporte aprender
E um atleta se tornar

Ou na banda como músico
Se desenvolver
E uma música aprender a tocar

Como aluno posso dizer
Que colégio é parte do meu viver
Por sete anos vivencio
E logo depois vou embora
Levando comigo memórias
Que jamais irei esquecer
Deste lugar que chamo de lar
O meu colégio militar

Zum Zaravalho!

Aluno Antonioni - Turma 901



Aluno Matheus Turma 702

CMJF 30 ANOS

CMJF 30 ANOS

A força do destino

Quando a força do destino,
Me levou a ingressar,
No Sistema de Ensino do Colégio Militar,
Muito feliz fiquei,
Pois eu sabia
Que seguiria, com galhardia,
Um caminho, não de um dia,
Mas de vários anos,
Aprendendo assim
Que a vitória não resulta
de um único momento,
Mas de toda a trajetória

Se eu estudar,
Os meus sonhos posso realizar.
Tenho orgulho de falar
Que estudo no Colégio Militar.
E mais orgulho ainda
Deste maravilhoso estabelecimento
Que hoje completa 30 anos de ensino
Não só de matérias,
Mas de caráter e disciplina

E tenho certeza que,
mesmo quando estiver bem velhinho
e o tempo passar,
Ainda no meu coração vou encontrar
o sóbrio e retumbante
ZUM ZARAVALHO!

Aluno Rebello - Turma 704

CMJF 30 anos

O CMJF
É o mais diverso
E, para homenageá-lo,
Escrevo estes versos

Estudamos com amor
Para termos nosso valor
Termos na pátria amada
A nossa morada

É o seu aluno o mais heroico,
O que mais vibra,
De longe se escuta o seu brado,
Que de todos os outros,
Sempre é o mais ousado

A todos impõe seu respeito
Enfrentando com garra
Cada desafio
Sempre na vanguarda

Inatingível,
Inabalável
Inderrotável,
O mais sublime
É o CMJF

De uma diligência esplêndida
Inspira-nos reagir
Trabalharmos em equipe
E nunca do compromisso fugir

Esse é meu colégio,
O colégio militar
Dos mais disciplinados
Nunca vem a falhar

Aluno Oliveira Souza - Turma 702

CMJF 30 ANOS

CMJF 30 ANOS

Para sempre CMJF

30 anos se passaram
E as tradições ainda
Permanecem.
Com suas regras
E costumes
Vem moldando
Cidadãos para a vida

É uma instituição
De grande prestígio e
Respeito
Entre todos.
É grande honra para
Os que lá estudam

Marca a trajetória
De uma vida e
Guarda na lembrança
Os ensinamentos.
Uma vez CMJF,
Sempre CMJF!

Aluna Natália - Turma 703



Aluna Amoêdo 701

30 anos de CMJF

No Colégio Militar de Juiz de Fora
Fazemos amizades,
Formamos laços
E cultivamos memórias,
Lá aprendemos e evoluímos

Estudando neste colégio,
Descobrimos muitos talentos
Somos capazes de tudo,
Basta querer e acreditar...

Ao sair do ônibus,
Observando o belo colégio,
Imagino e reflito
Quantas pessoas
Gostariam de estar onde estou hoje?
Quantas pessoas,
Nesses 30 anos, já passaram por aqui?

Assim, concluo
Para sempre
Em minha memória
Este lugar vai estar!

Aluna Eduarda Borges - Turma 703

CMJF 30 ANOS

CMJF 30 ANOS

Salve, o Colégio Militar

Para nós estudantes és muito especial
Parte importante do nosso saber
O início de um longo e belo desafio

Então, com muito carinho e orgulho,
Damos a ti nossos parabéns
A cada professor que se dedica,
A cada aluno que se esforça,
A cada colaborador que dá tudo de si, agradecemos!

Aqui aprendemos o significado da disciplina,
Cada dia nos tornando melhores no que fazemos
E é isso que o CMJF quer: um futuro próspero,
Vamos vencendo o que vier,
Formando cidadãos críticos e destemidos,
Aqui sonhos não foram feitos apenas para sonhar,
e sim para realizar!
30 anos de Colégio Militar
é uma honra celebrar...
Salve o colégio militar!

Aluno Miguel Placides - Turma 602



Aluna Izabela Reis - 702

O álbum de fotografias

Sentadas na varanda,
Vendo o álbum de fotografias,
Minha mãe dizia:
Às seis horas, o Xangai partia.

E, com amor, ela falava
Das aulas de física,
De literatura, de matemática
E dos mestres, que com tanta dedicação, lhe ensinava.

O hino nacional,
A canção do colégio,
Os toques de corneta
E a ordem unida.
Eu não compreendia
A emoção que ela sentia.

E mais uma vez ela repetia:
Na minha época, minha filha,
Era coque todo o dia.

Na entrega da minha boina,
Pela primeira vez eu senti
Tudo aquilo que minha mãe descrevia

O comandante, os professores,
Os monitores, os amigos
E os oficiais da companhia.
Todos eles farão parte das minhas lembranças
E do álbum de fotografias.

E ao colégio é sempre tudo!

Aluna Clarice - Turma 602

CMJF 30 ANOS

COLETÂNEA DE TEXTOS 2022

Os textos, a seguir, fazem parte de uma atividade proposta aos alunos do 9º ano pelos professores Fernanda e Rodrigo. Após a leitura do conto “A cartomante”, de Machado de Assis, os alunos foram instigados a dar voz a cada uma das personagens da história, assim, temos uma reconstituição dos fatos sobre a traição e o crime a partir de pontos de vista variados.

15

Rita

Em uma sexta-feira qualquer de novembro de 1869, eu conversava com Camilo, que ria de mim por eu ter visitado uma cartomante no dia anterior.

- Não acredito que fez isso, Rita. Não acredito! - dizia ele enquanto zombava do que eu havia feito.

Camilo era um amigo de longa data de meu marido Vilela e também era meu amante. Sim, uma relação proibida, mas eu estava muito apaixonada por ele. Tal situação me preocupava, o que me levou a consultar uma cartomante. Logo no início da consulta, a mulher revelou-me a verdade, que eu gostava de alguém.

Com a morte da mãe de Camilo, meu marido ajudou-o como pôde. Ele nos visitava frequentemente e, com a convivência, tornamo-nos próximos e acabamos nos apaixonando. Eu tinha medo de que Vilela descobrisse nossa relação, mas a sua estima e a confiança que tinha pelo melhor amigo continuavam as mesmas.

Um dia, Camilo recebeu uma carta anônima. O remetente dizia saber da traição, o que lhe causou medo e fez com que ele diminuísse as visitas à minha casa e de meu marido. As ausências se tornaram aparentes, e Vilela percebeu. Foi nesse momento que recorri à cartomante, e ela insistia em que o adultério não causaria problemas. Dias depois, Camilo recebeu um bilhete de Vilela, com um tom seco e ameaçador, pedindo que fosse visitá-lo imediatamente. Mesmo com medo e receio de uma possível catástrofe acontecer, ele decidiu ir. No meio do caminho havia um obstáculo, o que fez o tálburi de Camilo parar bem em frente à casa da cartomante. Ele pensou um pouco e foi conversar com a mulher que lhe disse que nada aconteceria com ele ou comigo. Então, ele seguiu viagem.

Pouco tempo antes de Camilo vir ao encontro de meu marido, Vilela estava transtornado. Tentei conversar com ele, mas ele parecia não querer ouvir. Revoltado, ele pegou um revólver e apontou em minha direção. Supliquei pela minha vida, mas foi em vão. Vilela puxou o gatilho. Camilo, quando chegou, viu toda a cena e acabou tendo seu fim igual ao meu.

Aluna Victória Freitas - Turma 105

Vilela

“Vilela um dia saberá de sua aventura, Camilo. Apenas sinto pela pobre Rita, que foi emaranhada nos fios de sua aleivosia”. Eu li e relia as palavras meticulosamente pintadas no papel. Não sabia como a comprovinciana de minha esposa tinha tomado posse de tão revoltante conhecimento e nem como sua carta de ameaça chegara a minha residência, mas não me importava. Imaginei meu tão querido amigo de infância e Rita cometendo adultério, manchando minha honra. Agora, o comportamento inquieto de Camilo era mais do que justificado.

Meus pensamentos irados foram bruscamente interrompidos pela entrada de minha infiel esposa na sala. Ao notar o pedaço de papel firmemente seguro em minhas mãos, ela tentou manter seu sorriso, mas claramente se sentia deveras lacrimosa para completar tal tarefa.

Meus escrúpulos haviam sido devorados pouco a pouco pela raiva contida na repetida leitura da carta e, dessa forma, não existia hesitação em meus movimentos quando, de maneira sagaz, saquei um revólver e apontei-o para Rita. O corpo trêmulo de minha esposa teve forças apenas para murmurar uma súplica de misericórdia que eu nem me esforcei em entender. Com o movimento rápido e indiscutivelmente preciso, dei um tiro em sua testa. Sem resquícios de remorso, peguei seu corpo ensanguentado e o posicionei sobre o canapé. Agora, hei de me resolver com o pérfido Camilo. “Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora” foi o conteúdo da carta que mandei ao homem. Revolta-me supor que minha indignação não seja óbvia e que ele erroneamente interprete minha pressa como urgência amigável.

Concluí ter cometido algum deslize por volta da uma da tarde, pois ele ainda não tinha dado o ar de sua graça. Talvez Rita o tivesse avisado de meu comportamento nervoso, talvez ele mesmo tivesse identificado traços de fúria em minha mensagem. Mas, algum tempo mais tarde, soube que havia chegado a uma conclusão imprecisa quando notei Camilo apertar o tálburi, empurrar o portão de ferro do jardim e confortavelmente adentrar minha morada.

“Desculpe-me, não pude vir mais cedo. O que há?” foi o que ele tão naturalmente disse logo que lhe abri a porta. Não sei o que me enfureceu mais: sua tranquilidade ou sua falsidade. Incapaz de falar sem lhe difamar, sinalizei-lhe a saleta. Uma alusão à felicidade era presente em minha expressão quando ele não pôde sufocar um grito estridente de terror. Seu olhar viajara sobre o corpo há pouco falecido de sua amante, minha esposa. Peguei-lhe pela gola e, com dois tiros de revólver, estirei-o também morto ao chão.

Aluna Débora Jabour - Turma 901

Camilo

Desde a minha infância, Vilela sempre foi o meu melhor amigo, mas os anos se passaram, ele conseguiu um emprego fora e se casou com uma bela moça de nome Rita. Por volta de 1869, Vilela e Rita voltaram para minha cidade, fui à estação recebe-los e, desde então, nós três nos tornamos grandes amigos.

Dias depois, minha mãe faleceu e ambos me deram todo apoio. Após tal desastre, comecei a passar muito tempo com Rita, eu adorava ficar com ela e sentia que ela também ficava feliz com minha presença. Certo dia, em meu aniversário, Rita me presenteou com uma carta na qual ela fala sobre o quanto estava apaixonada por mim. No momento senti medo, remorso, desejo, uma mistura de sentimentos, porém percebi que sentia o mesmo por ela. Passei a frequentar mais vezes a casa de Vilela, até então ele não havia percebido o que estava acontecendo entre Rita e eu.

Um dia, recebi uma carta anônima na qual me chamavam de imoral e pérfido. Tive medo de Vilela ter descoberto minha relação com sua esposa, então, diminuí a frequência das visitas em sua casa. Cheguei a receber diversas mensagens nesse período. Rita também ficou com receio e foi consultar uma cartomante para restituir-lhe a confiança, pois tinha medo de que eu deixado de amá-la.

Algum tempo depois, Vilela começou a se mostrar sombrio e desconfiado, o que nos deixou mais receosos. Não demorou muito até que eu recebesse um bilhete seu que dizia “Vem já, já a nossa casa; preciso falar-te sem demora”. Com medo e inseguro, fui, mas antes resolvi passar na cartomante de Rita que, após ler-me as cartas, disse-me para ficar calmo e que tudo ficaria bem.

Chegando à casa de Vilela, desculpei-me pelo atraso e perguntei o que havia acontecido. Silêncio. Fomos para uma sala; não consegui segurar meu grito de terror, era Rita, morta. Segundos depois, Vilela me agarrou pelas costas e, com dois tiros eu, Camilo, caí morto ao chão.

Aluna Anne Albuquerque - Turma 102

Comprovinciana de Rita

Nunca gostei de Rita. Ao vê-la saindo junto de Camilo daquela antiga casa em minha rua, senti ódio e, por outro lado, felicidade. Ódio, pensando em como ela poderia enganar um homem íntegro como Vilela daquela forma. Mas também felicidade, pensando em como essa descoberta era a oportunidade perfeita para que Rita se desse mal, e Vilela se tornasse meu.

Vilela, desconfiado como sempre foi, não acreditaria em mim, então propus que fizéssemos um teste. Escreveríamos juntos uma carta anônima que insultasse Camilo, mas não deixasse o motivo claro. Caso ele começasse a agir estranho ou não comentasse da carta. Vilela teria sua confirmação. Dito e feito. Escrevemos três cartas e mandamos uma de cada vez. Vilela me contava como Camilo foi se afastando drasticamente nas últimas semanas.

- Agora acredita em mim?

- Ainda é difícil acreditar. Não posso ter certeza.

- Tudo bem. Podemos continuar escrevendo cartas anônimas para Camilo, enquanto ele beija sua mulher pelas costas e tem a audácia de dizer que são como irmãos quando se encontram. Querido, está óbvio, você não quer ver.

Olhei o revólver que repousava em cima da mesa.

- O senhor não parecia tão covarde assim quando te conheci. - Disse, sorrindo, antes de entregar a arma de Vilela em suas mãos.

Vilela saiu de minha casa sem dizer nada, rosto vermelho de ódio. Minutos depois, barulhos de tiros foram ouvidos na vizinhança. Sei que não é uma história de amor tão bela, com flores e borboletas no estômago, mas assim consegui meu final feliz: transformando o homem da minha vida em um assassino.

Aluna Lara - Turma 104

OS 200 ANOS DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

20

200 ANOS INDEPENDÊNCIA

Os ventos portugueses sobre a independência brasileira

Era quase primavera, umidade tomando o ar aos poucos e as flores pareciam prontas para logo aflorar, porém isso era notável apenas para aqueles que tinham algum costume de observar essas miudezas. Aquele setembro não trouxe só as mudanças costumeiras da estação, não! Aquele setembro fez com que a pressão presente na colônia crescesse e conquistasse a atenção de todos nós, disputando espaço com as alterações típicas e vencendo-as com facilidade. Aquilo, definitivamente, não era momento para refletir sobre o clima.

Em 1822, minha família já se encontrava em território português como fora exigido, e eu havia sido nomeado príncipe regente há algum tempo. Isso não pareceu bastar, não quando tudo entre o Brasil Colonial e a Coroa Portuguesa era conflituoso. Talvez minha permanência tenha agravado as desavenças, talvez nada fosse satisfazê-los, talvez eu fosse só mais uma figura em meio a um desentendimento antigo sobre poder e controle, talvez meu título fosse pesado demais ou só era interpretado dessa forma. Por essas razões, ou não, foi esse título que me levou em direção às tropas de Santos e São Paulo, onde para solicitado minha presença.

Os cascos batendo no chão nunca indo realmente rápido. Pobre animal, eu cavalgava de forma rígida, tenho que admitir. Conforme avançávamos, eu realizava mais toda a situação; o contexto me afligia, é claro.

Meu estômago revirava e minhas mãos suavam. Sinceramente, nem mesmo eu saberia dizer se os sintomas eram fruto de minha ansiedade ou resultado de algo que havia comido antes de partir rumo ao conflito junto de minha guarda. Guarda essa que, em sua maioria, era composta por fazendeiros do Vale do Paraíba, local onde fui abrigado por eles, que já reparavam minha inquietação.

Meu desassossego transpareceu desde que o mensageiro nos alcançara com notas de Leopoldina, minha esposa. A carta me assombrava e confortava de certa forma, pois reafirmava todas as minhas preocupações, tudo que já sabia, mas também me dava a resposta que precisava, uma luz guia.

Ainda agitado, avancei até as margens do rio Ipiranga. Nada naquele cenário parecia refletir a glória e grandeza que deveria ser reservada àquele momento; das minhas vestes até meus companheiros, da paisagem até os animais que montávamos, nada se encaixava. No entanto, algo tinha de ser feito, algo tinha que ser dito. E quando dito ali naquele lugar, fez-se a

história, uma marco digno para um país, algo que seria ilustrado, escrito, revivido e para sempre registrado. Desembainhei a espada e com ela indiquei o céu e bradei:

- Independência ou morte!

Aluna Grazzinoli - Turma 104 e
Aluna Giovanna Moraes - Turma 105

Independência ou morte

Após a eclosão da Revolução Liberal do Porto em 1820, meu pai, D. João VI, foi forçado a voltar para Portugal e, com isso, tornei-me príncipe regente do Brasil. As Cortes Portuguesas tomaram algumas medidas que não foram muito bem aceitas aqui, e uma delas era a exigência do meu retorno para Portugal.

Essas medidas junto com o tratamento desrespeitoso em relação ao Brasil por parte dos portugueses levaram a um aumento na resistência que já existia dos brasileiros para com os portugueses, e reforçou a ideia de separação em alguns locais do Brasil, como o Rio de Janeiro.

Em dezembro de 1821, recebi uma ordem exigindo que retornasse a Portugal e, como consequência disso, foi criado o Clube da Resistência. Em janeiro de 1822, durante uma audiência no senado, um documento com mais de 8 mil firmas me foi entregue exigindo que eu ficasse no Brasil. Senti-me motivado a ficar e, com isso, proferi as seguintes palavras: “como é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto; diga ao povo que fico”.

A sucessão dos acontecimentos nos meses seguintes foram responsáveis por incitar no Brasil a ruptura com Portugal, uma vez que isso ainda não era certo em janeiro de 1822. Ao longo do processo de independência, duas pessoas tiveram grande influência na tomada das minhas decisões: minha esposa, Maria Leopoldina, e José Bonifácio de Andrade e Silva, conselheiro da corte.

Em 28 de agosto de 1822, ordens de Lisboa chegaram ao Brasil com a mensagem de que eu deveria retornar imediatamente. Além disso, anunciava-se o fim de uma série de medidas em vigor no Brasil e tidas pelos portugueses como “privilégios”.

A ordem, lida por minha esposa, convenceu-a da necessidade de rompimento com Portugal e, em 2 de setembro, organizou uma sessão extraordinária, assinou uma declaração de independência e a enviou para mim que estava em viagem a São Paulo. Meu mensageiro, Paulo Bregano,

alcançou a mim e a minha comitiva na altura de São Paulo, quando estávamos próximos ao rio Ipiranga.

Li todas as notícias e ainda às margens do rio, ergui minha espada e declarei a ordem de independência com o célebre grito: “Independência ou morte!”

Aluna Yandra - Turma 102

Independência brasileira ou morte portuguesa

“O pomo está maduro, colhei-o já se não apodrece”, li com atenção o trecho. Durante essa pequena pausa na leitura, notei olhares atentos a mim e intrigados acerca da carta. Continuei a ler e, não pela primeira vez, impressionou-se a sabedoria de minha esposa Maria Leopoldina. De fato, o melhor a se fazer era romper com Portugal e declarar a independência do Brasil, o meu país de afeto. Não iria me submeter aos desejos de uma nação à qual não pertenço mais.

- Cavalheiros, certamente os senhores já imaginam o assunto desta carta - disse eu observando a concordância dos presentes. Vim para estas terras, longe de minha amada e de meu futuro filho, a fim de pedir auxílio de alguns aliados e formar novas alianças políticas. É chegada a hora de alcançarmos, enfim, a nossa liberdade!

De longe, ouviam-se os brados de alegria. E entusiasmados, todos me saudaram com aplausos.

Vim de uma família real que pisou as terras brasileiras em março de 1808, quando eu tinha apenas nove anos de idade. Era ainda uma criança, porém me recordo de muitos acontecimentos. O primeiro deles foi a hospitalidade com que esta nação nos recebeu. Felizes dias aqueles, de festa de cantoria. Chegam também à minha memória as incríveis melhorias que aqui ocorreram, como o calçamento das ruas, novas construções, fundação de universidades... Enfim, várias mudanças. A colônia crescia cada vez mais graças à abertura dos portos. Vinha gente de todo lugar. Logo o território deixou de ser somente uma fonte riqueza: tornaria-se, após três séculos colonizado pela corte, o Reino Unido de Brasil, Portugal e Algarves.

Subitamente, recordando o passado, ouço uma voz:

- Então, o que faremos, senhor? Lutaremos contra a corte?

- Continuaremos a guerra. Os portugueses já a iniciaram revoltan-

do-se. Primeiro, minha família tivera de regressar para Portugal. Depois, desejavam meu retorno. Agora querem que o Brasil rebaixe-se à posição de colônia? Não voltei para lá quando exigiram e nem o farei; menos ainda permitirei que humilhem minha pátria desta forma.

- Viva, Dom Pedro! - comemorou um rapaz.

-Viva! - repetiram os demais.

Às margens do Rio Ipiranga, bradei com todas as forças de meus pulmões:

- Independência ou morte!

Aluna Caroline Garcia 105 e Aluna Jennifer - Turma 105

Uma nova nação

Às vezes, a intensidade de certos momentos nos permite revivê-los na memória. Essa serena tarde no Palácio de Queluz oportuniza minha disposição para narrar uma dessas situações, dada há algum tempo e que, até hoje, causa-me êxtase e satisfação.

No início de 1808, devido às invasões francesas em nossas terras, eu e a corte de meu pai deixamos Portugal: mudamo-nos para o Brasil. Assim chamada a magnífica colônia lusitana, Brasil encantava-me os olhos, repleto de uma natureza fabulosa e que, desde meus nove anos, transmitia-me ares de ternura e aconchego.

Instalamo-nos no Rio de Janeiro. Os portos foram abertos, a atividade da imprensa foi iniciada, universidades e bancos foram inaugurados, posto que a nova sede imperial tinha de estar apta a abrigar seus mais recentes habitantes. Lá cresci e recebi educação, ainda que minha participação na política fosse limitada.

Porém, em meados de 1820, uma revolta eclodiu entre os portugueses: a burguesia, indignada com as desvantagens comerciais enfrentadas em razão da transferência da central do império, tomou o poder e exigia o retorno imediato de D. João VI, digo, meu pai, a Portugal. Temendo perder seu trono, ele voltou. Eu, antes desimportante nos assuntos administrativos, tornei-me o regente do Brasil.

Meu dever consistia em governar o território brasileiro durante a ausência do monarca, o que seria agir conforme uma determinada extensão de meus poderes. O trabalho em si não era um dos mais simples, e a intran-

sigência das cortes portuguesas se distanciava de medidas convenientes ao reino. Ademais, suas inúmeras tentativas de recolonizar o Brasil, de forma a ignorar o progresso conquistado, traziam-me incertezas acerca do destino desse cenário explosivo.

Relatei os fatos a Leopoldina, minha esposa. Com a perspicácia que lhe era peculiar, concluiu que as graves conseqüências para esse quadro eram quase inevitáveis, já que revoltas separatistas eram baste prováveis. Ela disse que os interesses do estado deveriam estar acima dos meus próprios e, portanto, era hora de unir o povo brasileiro e prepará-lo para uma possível reação às ordens portuguesas.

Em setembro de 1821, perante a ameaça de invasão do Brasil, um decreto ordenou meu regresso a Portugal. Já era tarde; mais valia a invasão que a fuga da responsabilidade. Faltava-me apenas o consentimento da população, o que não tardou a vir através de um abaixo-assinado com milhares de assinaturas a favor de minha permanência no Brasil. Estava decidido.

“Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto. Digam ao povo que fico”. Sabido é que o vigor dessa minha fala ultrapassou as fronteiras brasileiras e não agradou ao governo português. A relação com Portugal se desgastava com o passar dos meses, sem cessarem as ameaças e a exploração. Sendo assim, resolvi seguir adiante e comecei o processo de Independência do Brasil.

Uma vez que a separação dos reinos era o objetivo, promover o apoio coletivo era essencial. À vista disso, nomeei Leopoldina como regente e viajei a São Paulo para negociar a adesão das lideranças políticas ao movimento.

Durante o trajeto, fui alcançado por um mensageiro que me entregou uma carta da regente. Leopoldina anunciava-me que havia convocado um conselho de caráter emergencial e nele assinaram-se os documentos relativos à independência, ficando a meu cargo proclamá-la.

Então, no dia 07 de setembro de 1822, dirigi-me à margens do rio Ipiranga. O entusiasmo e a euforia aceleraram meus batimentos, meu contentamento era indescritível. Um sonho se fazia verdadeiro. Puxei a espada e gritei: “Independência ou morte!”

Aluna Mariana Borboni

Rondon, uma aventura na Amazônia!

Em abril de 1909, o chefe do distrito telegráfico do Mato Grosso, o Capitão Cândido Mariano da Silva Rondon, recebeu uma missão de ampliar a extensão das linhas telegráficas até a Amazônia. Esse tipo de missão já lhe era comum, visto que participou de várias outras parecidas.

Rondon, acompanhado de seu melhor amigo e seu “braço-direito”, o Tenente Igor Silva, começou a reunir a tropa para essa expedição, que seria mais longa que as anteriores. Finalmente, em maio daquele ano, eles embarcaram em sua expedição para Amazônia. Partiram do distrito de Itapirapuã, em Tangará da Serra, rumo ao noroeste até o rio Madeira, um dos principais afluentes do rio Amazonas, enfrentando diversas dificuldades, como a mata fechada, os animais selvagens... Em agosto, no entanto, tudo começa a piorar...

– O que fazemos, Rondon? Todos nossos suplementos acabaram. Nossa tropa já está ficando exausta. – perguntou Igor.

– Temos que seguir em frente, vamos caçar e coletar frutas, sinto que estamos perto de uma grande descoberta! – respondeu Rondon.

O sertanista estava muito animado, pois, após tanto tempo andando pela floresta, achou alguns pertences que poderiam ser de alguma tribo que morasse na região, mas Igor não compartilhava desse entusiasmo, estava preocupado.

– Veja, Capitão! Há ossadas humanas ali também! – falou, o Tenente Igor, com a voz trêmula e quase inaudível.

Mas Rondon não estava com medo e parecia ainda mais entusiasmado. Após uma longa caminhada, descobriram um novo grande rio, que ficava entre o Rio Juruena e o Rio Ji-Paraná. O próprio capitão o batizou de Rio da Dúvida.

– Por que não utilizamos esse rio para continuar a expedição? Com isso poderemos descansar um pouco as pernas. – disse Igor, transmitindo os pedidos dos outros militares.

Depois de pensar por um instante, Rondon respondeu:

– Certo, é uma boa ideia, vamos avançar mais rápido e nos cansaremos menos!

Mas, no meio do caminho, sua tropa começa a ouvir estranhos barulhos vindo da floresta...

– Cuidado! – gritou um dos homens

Flechas e pedras voaram em direção ao grupo! Eram índios. Os sol-

dados começaram a revidar com tiros de suas armas de fogo.

– Parem! Morrer, se preciso for, matar nunca! – gritou Rondon irritado.

Cessado o fogo, Rondon conseguiu acalmar os índios, mostrando a eles que não estavam ali para matar e nem tomar as terras de ninguém. Após um tempo, os índios, mais calmos e confiando no militar, acabaram levando-o para sua aldeia, onde a expedição descobriu que aquela tribo, os nhambiquaras, até então costumava matar todos os invasores que encontravam em suas terras.

Depois de muito tempo de conversa, o cacique decidiu que Rondon e seus companheiros poderiam partir em paz e que não iriam ser mortos. Assim, a tropa ficou alguns dias ali, onde se alimentaram e descansaram.

Rondon anotou tudo sobre os nhambiquaras e mais alguns detalhes que achou interessante sobre a floresta, os animais e o terreno. Antes de finalmente partirem e continuarem sua expedição, o líder da aldeia avisou:

– Tomem cuidado! Alguns membros da aldeia se rebelaram e fugiram para o mato, e agora matam sem piedade até familiares próximos!

Rondon e seus companheiros, andavam mais atentos do que nunca, mas o moral de seus companheiros estava muito abalado. Já se encontravam muito exaustos, assustados e queriam voltar para suas famílias! Já eram meses vagando pela Amazônia! De repente ouviram um som de uma flecha sendo disparada.

– RONDON!!! – gritou Igor.

– Matem o maldito índio! – gritou um dos militares.

– Parem! Lembrem o que o Rondon sempre fala? “Morrer, se preciso for, matar nunca!” – gritou Igor enraivecido.

A tropa entendeu o recado e, mesmo com a raiva por verem seu líder atingido, capturaram o silvícola. Era um dos rebeldes sobre os quais o cacique havia avisado.

O guerreiro não aceitou ser capturado e acaba se matando, mas antes disso avisou:

– Não vou morrer sozinho! A flecha é envenenada, o outro também vai morrer!

Com isso a tropa ficou ainda mais irritada e preocupada, uns até choravam, quando, de repente ouviram uma voz:

– Fiquem tranquilos, hoje eu não vou morrer! A flecha não me acertou diretamente... – disse Rondon.

Todos ficaram confusos com as palavras ditas pelo capitão, já que a flecha havia atingido bem o seu peito!

– A flecha acertou na minha bandoleira – disse Rondon sorrindo – só

a ponta me feriu um pouco, superficialmente. Então, vocês não precisam se preocupar.

Após todos se acalmarem, continuaram a navegar pelo Rio da Dúvida. Assim, no natal de 1909, conseguiram chegar ao Rio Madeira, onde concluíram a missão, instalando os últimos equipamentos telegráficos.

Ao regressarem ao Rio de Janeiro, Rondon foi salgado como herói. Por lá, acreditava-se que ele e a sua expedição haviam morrido na selva! Rondon e seus companheiros ficaram no hospital por um tempo para tratar de suas feridas e da desidratação e, então, relataram tudo que acontecera e suas descobertas para seus superiores e colegas.

Terminados os cuidados, todos finalmente puderam voltar para as suas famílias a fim de matar as saudades e contar as aventuras que viveram nos últimos meses.

Rondon demonstrou arriscou a própria vida para proteger os indígenas, provando, assim, que era possível dialogar em vez de usar a violência. Em reconhecimento às suas atitudes pacíficas de aproximação com os povos nativos brasileiros, Cândido Rondon foi nomeado o primeiro diretor do Serviço de Proteção ao Índio!

Aluna Helena Ruas

Rondon, o Marechal da Paz

Nunca passara pela minha cabeça que eu receberia o título de Marechal do Exército Brasileiro, muito menos aos meus 90 anos.

Ingressei na carreira militar aos meus 16 anos de idade, e não poderia ter tomado uma decisão melhor do que honrar a pátria. Minha trajetória foi marcada por muitas desafios e conquistas e, sem dúvidas, um dos mais marcantes da minha vida aconteceu nos meus tempos de jovem, quando eu ainda saía pelo meu Brasil, descobrindo mais de sua beleza a cada dia.

Começando pelo ano de 1890, quando tive a honra de chefiar um pequeno grupo de soldados e avançar pelos fundos desconhecidos do sertão brasileiro, que era habitado por diversas tribos indígenas.

Lembro-me como se fosse ontem...

“Senhor, a sobrevivência aqui é difícil, muitos homens estão morrendo!”, dizia um soldado.

E realmente, muitos homens estavam morrendo, mas não podíamos

abandonar a missão, não naquela altura do campeonato.

Enfim, um ano depois, após algumas dificuldades, inauguramos as novas estações telegráficas.

Passados alguns anos, em 1899, tomei o comando de uma comissão inteira para uma nova missão. Dessa vez, estávamos destinados a estender as linhas telegráficas de Cuiabá a Corumbá chegando às fronteiras da Bolívia e Paraguai. Foi uma época marcante, pois fui ajudado por grupos indígenas bororó, além descobrir diversos rios, montanhas, lagos e vales.

Segui nessas missões por vários anos. Em 1906, em uma delas, descobri ruínas antigas, que hoje são chamadas de ruínas do Real Forte Príncipe da Beira, e lembro-me vagamente de uma conversa que tive com um soldado que me acompanhava no momento da descoberta:

“Senhor, faz ideia de que lugar seja esse? Como pode algo tão grande estar escondido por todo esse tempo!”, disse ele.

“Não sei, meu caro, mas certamente é um lugar carregado de histórias.”

Mas, de fato, foi o ano de 1913 que de fato me marcou. Estávamos no meio de uma missão e, de repente, pressenti algo vindo em minha direção.

Tudo aconteceu muito rápido: em um minuto eu estava de pé conversando com um soldado e, no minuto seguinte, eu estava caído sobre o chão, sem nem conseguir me mover.

Eu havia sido atingido por uma flecha envenenada, que depois descobrimos que havia sido disparada por um guerreiro nhambiquara. Meus homens não revidaram. Eu impedi que revidassem. Pedi para que minhas tropas se retirassem silenciosamente do local, assim honrando o lema “Morrer se preciso for. Matar, nunca!”, que sempre carregara comigo.

Por sorte, a ponta da flecha perdeu a força e se partiu ao encontrar com a correia de couro grosso do fuzil que carregava em meu peito, o que contribuiu com o fato de eu estar aqui para contar essa história.

A paz sempre foi meu lema, e com ela seguirei até minha morte. Sou Marechal Rondon, mas não me importaria se, ao final de minha vida, me chamassem de Marechal da Paz, até porque, afinal, é assim que a minha alma sempre estará.

Aluna Bruna

O papel do Marechal Rondon na unidade nacional

Semana passada, liguei para meu tio Felipe para parabenizar-lhe por seu aniversário. Ele mora em Rondônia e nos vemos há 3 anos pela última vez. Nós dois somos fanáticos por futebol e conversamos bastante sobre o esporte que tanto amamos. Além disso, ouvi a pergunta mais frequente em minha família:

“Pedro, como estão as namoradinhas?”

Chegou em um momento da conversa em que meu tio ficou triste. Seus olhos estavam lacrimejando e sua expressão indicava a tristeza. Percebi isso e perguntei a ele o porquê que ele estava assim. Meu tio, então, emocionado, disse que sentia muita saudade de mim e de minha mãe e falou sobre o seu desejo de participar das festas familiares, justificando que isso não ocorria da distância de Porto Velho até Juiz de Fora.

Ao ouvir essas palavras, fiquei curioso e perguntei a meu tio: “Se o Brasil é tão grande, por que a comunicação nacional acontece desde o início do século XX?” Ele me respondeu: “Graças a Rondon”!

Não entendi, pois não sabia quem era esse cidadão e suas façanhas.

Então, meu tio começou a me explicar sua história, que começou ainda no regime do Império, quando Cândido Rondon se formou e se tornou assistente do Major Antônio Carneiro, responsável por construir uma linha telegráfica de Goiás até Mato Grosso.

Em 1892, Cândido capitão no Exército e assumiu a chefia da comissão responsável pela construção das linhas telegráficas. Ele construiu a linha telegráfica que ligou Goiás ao Mato Grosso e uma outra que ligou o Brasil à Bolívia e ao Peru, até 1906.

Em 1907, Rondon construiu outra linha telegráfica, desta vez, que ligava o Mato Grosso à Amazônia. Depois de diversos problemas e 8 anos, ele conseguiu. Em 1824, tornou-se general e, em 1855, marechal. Além de executar suas missões de forma excelente, ele era um democrata, que se opôs à Revolução de 1930 e que atuou no combate aos nazistas, revelando-se um verdadeiro “filho da pátria”.

Depois de me relatar sobre a vida de Rondon, disse a meu tio que “a internet conectou mais que o marechal”. Ele concordou, porém me explicou que são contextos diferentes. A unidade da pátria não seria possível sem as ações de Cândido Rondon, pois ele interligou o território num tempo em que não existia redes sociais e que a vida era muito mais difícil. Ele

foi um dos brasileiros que mais encantaram o mundo com sua coragem, resiliência e determinação e participou de momentos importantíssimos que definiram o destino da nação, desde a Revolução Paulista, em 1924, até a 2ª Guerra Mundial (1939-1945), recebendo elogios até do notório cientista Albert Einstein.

Aluno Pedro Augusto

O Marechal Desbravador

Canto I

Às curiosidades e o interesse de aprender característico do senhor,
Vindo da terra que possui praias orientais no Sul do Atlântico,
No quinto dia, do quinto mês, do quinto ano da década de 1860,
Em Mimoso, que o ritmo da pacata vida cotidiana experimenta
O Sol iluminava o pequeno município, de maneira constante,
Nas terras sertanejas do Estado do Mato Grosso em cada instante.

Nascia um pobre e humilde garoto.
Fruto de uma relação entre Cândido Mariano,
Descendente de espanhóis e portugueses miscigenados com indígenas
E Claudina Lucas Evangelista puramente neta de índios bororós.

Logo cedo lhe aconteceu uma calamidade
Seu pai veio a óbito, pois contraíra uma enfermidade,
E um encontro entre os dois nunca se sucedeu.
Pouco tempo depois algo ainda mais melancólico ocorreu,
Com alguns poucos meses a vida do bebê surgiu,
Sua mãe também sucumbiu.

Agora que esse neném se encontrava órfão, passou brevemente
Um tempo com seu avô materno, de separar-se do neto relutante
Até ser convencido pelo tio, para deixar a criança sob os seus cuidados.
O qual viria assumir a figura paterna dali em diante.

Sendo assim, cresceu o jovem Cândido Mariano da Silva
Bem como se desenvolveu na cidade de Cuiabá,
No isolamento geográfico, a qual era submetida,
o transporte fluvial, a única forma de se chegar lá.

Onde Manuel Rodriguez da Silva Rondon, seu tio,
Constituído Capitão da Guarda Nacional.

E, para o menino, esse cargo de prestígio
Viria a se tornar algo motivacional.

Com o passar dos anos, na escola, se destacou,
Já demonstrava dedicação e brilhanteza,
O sucesso do menino era uma certeza, se formou
Professor, no Liceu Cuiabano em 1879, com muita destreza.

Canto II

Em 1881, ainda que trabalhasse como um educador
Em certo ponto despertou em si interesse pelo militarismo,
Sendo esse um ambiente que impunha regras e colhia disciplina,
Promovia marchadas ritmadas e o bater dos tambores.
Com Amor a Pátria ao princípio, Ordem da sociedade da época
Por base e Progresso da nação por fim.

De modo que abandonou sua antiga profissão e
Recebeu permissão do tio a respeito de ingressar na
Escola Militar do Rio de Janeiro. Rumou à antiga capital do Brasil,
que detinha a alcunha de “cidade maravilhosa” ou
Paraíso dos trópicos, justamente por sua beleza natural
E cultural. Como um grande centro urbano e pioneiro
No desenvolvimento de tecnologias, economia e social.

Com permissão do Ministério da Guerra, decidiu acrescentar,
No seu nome, o último sobrenome do tio.
Como forma de homenagear todo o esforço e
Dedicação por parte dele na sua criação,
Demonstrando o valor da gratidão e que
Certo da capacidade de ser feliz pelo que já tinha,
Não deixava de buscar novos objetivos pessoais.

Por conta disso, desde cedo demonstrou um ótimo desempenho
Em cada curso, nos quais tinha se inscrito.
Subindo rapidamente na hierarquia militar, completando os cursos
De preparação da Escola Militar, Infantaria,
Cavalaria, Artilharia como também o
De estado-maior de primeira classe, sendo por conta de seu
Grande mérito, promovido a Alferes-Aluno em 1888.

Durante o tempo em que, no Rio, recebia
Conhecimento e ensino da arte bélica,
Figuras importantes de sua época conhecia .
Como, por exemplo, seu professor de matemática,

Benjamin Constant, que também era líder republicano
E, das ideias, positivista declarado.

Foi esse homem responsável por mudar a sua visão
A respeito do regime que vigorava no Brasil: a monarquia.
E segundo o positivismo, que fortemente defendia,
Pra Rondon e seu educador, não restam dúvidas, então:
A república era um sistema político favorável
Livre das amarras que o Brasil restringia,
Trazidas pelo controle baseado somente no sangue real.

Logo, imbuído dos ideais positivistas agora
(ideário que manteria verdade de sua vida até o fim),
O adulto Cândido Mariano da Silva Rondon se uniu
A um outro conjunto de alunos, em volta, sim,
Da figura de Benjamin Constant. De modo que
O Império do Brasil caiu.

Sendo concretizada a proclamação
Da república no dia 15 de Novembro de 1889,
No próprio Rio de Janeiro, em que o ar se encontrava
Cheio de incertezas e dúvidas.
Onde Rondon teve influência e participação direta,
Pois ajudou na captura de um quartel-general,
Como também na detenção dos ministros do último gabinete
do Imperador Dom Pedro II.

Diante de tamanha contribuição para a causa republicana,
Fruto das ações competentes e
Eficientes pró-democracia, o até então alferes-aluno
Passa ao cargo de 1º tenente, recebendo também o título de
Engenheiro militar e de bacharel
Em matemática e ciências físicas pela Escola Militar.

Canto III

O ambiente no Rio de Janeiro se encontrava um pouco mais calmo.
As ondas vinham e voltavam, os pássaros
Voavam livremente descrevendo voltas no ar.
O governo brasileiro que havia se estabelecido, agora voltava
Sua atenção para uma problemática maior a ser resolvida,
A integridade territorial.
Já que sua sustentação no poder havia sido estabelecida.

Confiando assim ao disposto Cândido Rondon, a missão de integrar

A região Oeste do País, isolada dos grandes centros urbanos
 O lugar perfeito para uma nação oportunista atacar.
 Deu início a esse processo sua nomeação
 Em 1890, como ajudante do Major Gomes Carneiro,
 Para Comissão Construtora de Linhas Telegráficas
 Em ordem de estabelecer entre a Capital, uma conexão
 Com o Estado de Mato Grosso em ato primeiro,
 Traçando rota por Uberaba e Goiás.

O tempo que passou como do major ajudante
 Foi importante na sua formação como sertanista,
 Da habilidade de localização com ele aprendida
 De como na mata não andar errante
 E de todas, a Rondon a maior dos ensinamentos:
 Com os índios ser pacífico todos os momentos.

Aprendeu então que o contato pacífico com esses povos
 Era a melhor forma de garantir o sucesso da missão.
 Após o período de aprendizagem, se deu o início da construção
 De uma estrada que ligava o Rio à região de planaltos
 Do Centro-Oeste, travessias antes se realizavam
 Somente pelo lento transporte fluvial,
 Nas embarcações que os leitos fluviais traçavam.

Como também início da construção da primeira
 Linha Telegráfica do Estado Mato-Grossense
 Localizada na capital Cuiabá. .

Por conta de sua dedicação foi promovido
 Ao posto de capitão engenheiro e bacharel
 Em matemática e ciências físicas
 E naturais. Sendo indicado
 Por Benjamin Constant para ser
 Um professor substituto na Escola Militar.

Dada a capacidade de comandar notável de Rondon,
 Demonstrada em outros projetos que havia atuado,
 Passou a chefiar um agrupamento, o qual foi responsável
 Por fazer os levantamentos topográficos para
 A determinação das estradas e posterior levantamento de
 Postes da linha telegráfica. Sendo composto
 De vinte homens valentes que assim como Rondon
 os corações pela pátria ardiam
 e por ela tudo fariam.

Assim se prosseguia o avanço ao sertão, um lugar intocado
 Pelo mundo civilizado, onde animais
 Fascinantes rastejam por todo o lado.
 Sendo a moradia de várias tribos,
 Com algumas delas podendo ser consideradas amigos.

Um nobre exemplo seria o dos bororos, nativos estes que fizeram
 Da fauna e flora sua casa, cuidando dela com muito respeito.
 Em junho de 1890, sua expedição chegou ao Registro do Araguaia,
 Onde foi instalada a primeira estação telegráfica daquele local.

De onde continuaram a travessia por aquelas terras
 Cheias de perigos naturais como as doenças,
 Capazes de eliminar até mesmo o exército mais bem
 Equipado e treinado, caso disciplina e higiene faltassem.

Ocorrência não observada, nessa jornada. Uma vez que Rondon
 Comandava seus homens com muita habilidade. Em abril de 1891,
 Foram inauguradas as novas estações telegráficas, somando
 Ao final de seus trabalhos mais de 1 574 km
 de linhas telegráficas foram instaladas.

Canto IV

Ao retornar para o belo Rio de Janeiro, Rondon assumiu a docência
 Na Escola Militar, mas, por pouco tempo. Porque em 1892 foi
 Nomeado de chefe do Distrito Telegráfico de Mato Grosso,
 Solicitando a exoneração do cargo de professor.

Por volta desse mesmo ano se casaria com
 Francisca Xavier, uma mulher por quem se
 Apaixonara. Descobrimos assim que
 Não é somente de pão que vive o homem, mas também
 Do amor de uma parceira, à qual jurou estar ao lado
 pelo resto de sua vida.

Assim se mudou de novo para a familiar cidade de Cuiabá,
 Levando sua esposa junto, com a qual teve sete filhos.
 Recebendo, a partir de 1900, novas comissões de linhas de telégrafos
 Entre a cidade cuiabana e regiões fronteiriças do interior do Brasil.
 Um trabalho desafiador aceito sem demora por ele, estando mais do
 Que nunca entusiasmado em explorar e transformar essas localidades.

Chegando na região da fronteira com Bolívia e Paraguai

Estabeleceu contato com a tribo dos bororos,
 Obtendo grande sucesso nesse encontro.
 E completaram a linha telegráfica
 Com ajuda deles, pois abriram picadas
 E ergueram postes junto de seus homens.
 Já que eles estavam mais acostumados com
 O exaustivo calor da região de clima equatorial da
 Floresta Amazônica, um lugar que
 Exala vida em todos cantos.

Em retribuição, Rondon mandou fazer um levantamento de terras
 Pertencentes aos índios da região de Ipegue e Cachoeirinha
 E obteve do governo de Mato Grosso o reconhecimento de propriedade.
 Em um gesto de retribuir pela colaboração dos nativos, evidenciando
 Seu papel na luta pelos direitos dos indígenas no Brasil.

Em 1906 foi encarregado pelo então presidente Afonso Pena,
 A tarefa de fechar o circuito teleográfico nacional ao integrar o Acre,
 Um território recém-incorporado ao país.

Por conta de sua extrema importância econômica,
 Justificada pela extração da borracha das seringueiras, sendo por muito
 tempo,
 O único lugar do mundo a produzir essa importante matéria-prima.

Imediatamente, a instalação de linhas telegráficas nessa área começou
 E com os índios antropófagos “nhambiquaras” posteriormente um
 encontrou se travou
 Entre eles e o agrupamento de Rondon, que ainda se atendo com seus
 Princípios morais instruiu a sua tropa: “Morrer, se preciso for, matar
 nunca.”

De maneira que no fim, Rondon conseguiu evitar a morte de todos de seu
 bando
 E possíveis fatalidades no lado dos nativos, bem como terminou a
 Construção dos postes de linhas telegráficas, na densa selva amazônica.

Evidenciando a sua grande qualidade
 De tomada de decisões táticas no momento de grande adversidade.
 Característica de um ótimo líder cujo intelecto é usado plenamente,
 Para guiar sua equipe em alcançar grandes objetivos
 Em prol de um propósito, nesse caso o de desenvolver o Brasil.

Canto V

Como resultado de seu incrível desempenho, foi lhe confiado o serviço

De expandir o sistema teleográfico para mais regiões da Amazônia
 Brasileira, a qual é composta por inúmeras formas de relevo,
 Rios, lagos, ricos ecossistemas
 Além de outras feições geográficas,
 As quais lhe configuram sua grande beleza natural

Funcionando como um grande abrigo para uma variada
 Gama de fauna e flora, exclusivos dessa área.
 Possuindo insetos de todas as cores, pássaros deslumbrantes,
 Mamíferos de pequeno porte na copa das árvores.
 Árvores essas que podem atingir até 30 metros de altura,
 Sem contar as inúmeras flores e frutos excêntricos que podem
 ser encontrados do seu solo.

Além de abrigar vários povos tradicionais, os quais fizeram
 Sua morada a séculos atrás, tempo suficiente para a obtenção
 De conhecimentos milenares úteis para a sobrevivência nesse ambiente.

Portanto a Amazônia era a principal motivação de
 Toda essa campanha de medidas para se manter
 A unidade territorial do Brasil.

Nessa expedição descobriu-se o rio Jeruena, importante
 Afluente do Rio Tapajós no Norte de Mato Grosso.
 As ruínas do Real Forte Príncipe da Beira,
 Uma relíquia histórica do período de colonização do Brasil.
 Foi promovido a major do Corpo de Engenheiros Militares,
 Responsável pela construção da linha telegráfica
 De Cuiabá para Santo Antônio da Madeira
 A primeira a chegar até a região amazônica.

Com os trabalhos de sua Comissão sendo desenvolvidos de 1907 a 1915.
 Ao mesmo tempo, estava sendo construída a
 Ferrovia Madeira-Mamoré, que, juntamente com a exploração
 E integração telegráfica, auxiliou na
 Ocupação daquele anteriormente pequeno município.

Em maio de 1909, Rondon iniciou a sua mais longa expedição.
 Partindo do então distrito de Tapirapuã, em Tangará da Serra,
 Rumo ao noroeste até o rio Madeira,
 Um dos principais afluentes do rio Amazonas.
 Em agosto, todos os suprimentos
 De sua equipe estavam esgotados.

Para sobreviver, a expedição recorreu
À caça e à coleta na floresta rica em biodiversidade
Quando chegaram ao rio Ji-Paraná,
Não tinham suprimentos.
Durante a expedição descobriram um grande rio
Entre o Juruena e o rio Ji-Paraná,
Que foi nomeado de rio da Dúvida.

Para chegar ao destino, construíram canoas
E, com sucesso, a equipe conseguiu
Chegar ao rio Madeira, no Natal de 1909.

Ao regressar ao Rio de Janeiro,
Rondon foi saudado como herói,
Porque as pessoas acreditavam
Que ele havia morrido.

Um rumor provado falso, uma vez que
A esse ponto ele já se enquadrava como um dos maiores
E mais astutos exploradores não só do país,
Como no mundo também um dos melhores.

Após a expedição, tornou-se o primeiro
Diretor do Serviço de Proteção ao Índio,
Criado pelo presidente Nilo Peçanha, em 1910.

Assumindo esse cargo por conta de seu histórico de ser a favor
Dos direitos dos índios de viverem isolados, lutando contra qualquer
Tipo de discriminação infligida a esse povo, por parte do homem branco.

Em setembro de 1913, enquanto ele fazia uma
De suas expedições, o mesmo foi atingido por uma flecha
Envenenada dos índios nhambiquaras.
Entretanto, graças a muita sorte do destino
Foi salvo pela bandoleira de couro de sua espingarda.

Porém, aos seus comandados ordenou
Que não reagissem e batessem em retirada,
E seu princípio mais uma vez demonstrou
De penetrar no sertão somente com a paz,
“Morrer, se preciso for. Matar, jamais.”

Em 1914, com a Comissão Rondon, foram construídas
Um total de 372 km de linhas e mais cinco estações telegráficas:

Pimenta Bueno, Presidente Hermes, Presidente Pena
Em 1 de janeiro de 1915, completou sua missão com a inauguração
da estação telegráfica de Santo Antônio do Madeira.

Canto VI

No ano de 1913, os trabalhos realizados por Rondon o elevaram ao posto
De coronel, como também eram
Mundialmente reconhecidos e valorizados.
Sendo tido como um dos grandes civilizadores do século XX.

Sendo aclamado por vários líderes de estado, pelo seus
Excelentes: serviços etnográficos,
Desenvolvimento de infraestrutura, produção de um
Conhecimento geográfico mais atualizado e pacificação
De tribos indígenas de Norte a Sul do território brasileiro

Culminando na visita Theodore Roosevelt, ex-presidente
Norte-americano, cujo gosto por boas aventuras
Era tão grande quanto o de Rondon.

Participando junto de um grupo de outros
Naturalistas norte-americanos
Na expedição Rondon-Roosevelt, em que ambas
As partes possuíam o objetivo de explorar o
Rio da Dúvida.

Os norte-americanos pretendiam recolher material
Para o museu de História Natural de Nova Iorque.
E os brasileiros pretendiam corrigir com
Maior precisão alguns detalhes geográficos.

A expedição que teve início no rio Apa, em Mato Grosso
E se estendeu até Belém do Pará,
Recolhendo numerosos exemplares da fauna brasileira
E definindo o traçado do rio da Dúvida,
Rebatizado de rio Roosevelt. Com essa expedição
Acabando no ano de 1914.

Com essa jornada se tornando a mais difícil
Da vida de Roosevelt, seriamente prejudicando
A sua saúde até o último dia de sua vida. Por conta das várias
Doenças tropicais que assolavam a região.

Sintomas que também foram verificados nos homens de Roosevelt.

Portanto o único não afetado foi Rondon, cujo conhecimento aprofundado

Das matas e terras brasileiras como um todo,
Acabavam por garantir a ele um ótimo senso de sobrevivência e autocuidado,

Uma característica típica de um grande militar, do qual havia se tornado.

Canto VII

Após a expedição Rondon-Roosevelt, o grande desbravador Brasileiro trabalhou até 1919, mapeando mais das terras do seu Estado de origem, ao mesmo tempo que descobriu mais alguns Rios e fez contato com várias tribos indígenas.

Mitigando o seu tempo entre a inspeção
Pelos territórios que havia desbravado, contatos
Com tribos indígenas, a direção do SPI
E a realização de conferências sobre os problemas indígenas.

Para assim, conscientizar a sociedade da época,
Sobre a importância de preservar a cultura dos
Indígenas, os verdadeiros donos da terra.

Terra essa que foi roubada deles, em um processo
Genocida e sem o mínimo de consideração com
Os índios, os quais se viam sofrendo abusos de
Grandes proprietários de Terra, garimpeiros e
Sendo marginalizados por boa parte da população.

Discriminação essa que viria a ser combatida
Por ninguém menos que Rondon, em que durante o resto
De sua vida viria a jogar uma luz sobre essa problemática
E propondo soluções a mesma.

Evidenciando uma de suas grandes virtudes: a justiça, protamente
Atendendo ao chamado desse povo excluído de sua
Liberdade de ter um lugar para viver e se expressar.

Nesse mesmo ano foi promovido a general de brigada
E nomeado diretor de Engenharia do Exército,
Autorizando a construção de quartéis.
Nessa época ele também acumulou os
Cargos de chefe da corporação brasileira de
Engenheiros e chefe da Comissão Telegráfica.

Em 1924 e 1925, liderou as forças do

Exército na Campanha do Paraná.
De 1927 a 1930, Rondon foi encarregado
De examinar todas as fronteiras entre o Brasil
e seus países vizinhos, por ordem ministerial.

Durante a Revolução
de 1930 Rondon renunciou ao cargo de
chefe do SPI. Durante 1934-1938,
Rondon foi encarregado de uma missão
diplomática, como mediador de uma
disputa entre a Colômbia e o Peru sobre
a cidade de Leiticia, por conta
de sua ótima habilidade de tomar decisões.

Em 1939, ele voltou
À direção do SPI e expandiu o
Serviço para novos territórios do Brasil.

Em 1939, Rondon tornou-se o primeiro presidente do
Conselho Nacional de Proteção aos Índios.
Nesse mesmo ano, recebeu do Instituto Brasileiro
De Geografia e Estatística (IBGE)
O título de “Civilizador dos sertões”.

Na década de 1950, como parte do seu esforço
De ajuda a causa indígena ele apoiou a
Campanha dos Irmãos Villas-Bôas de
Estabelecimento da primeira reserva para os povos indígenas
Que enfrentava forte oposição do governo e dos fazendeiros
De Mato Grosso, levando ao estabelecimento
Do Parque Nacional do Xingu, criado em 1961.

Canto VIII

Em 5 de maio de 1955, data em que completou 90 anos de idade
Ele foi agraciado com as insígnias de Marechal do Exército Brasileiro,
Concedidas pelo Congresso Nacional. Em 1957,
Foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz pelo Explorers Club
De Nova Iorque, por tudo que havia feito
Ao longo de sua grandiosa carreira como militar.

Em 19 de janeiro de 1958, faleceu
Aos 92 anos de idade, após ter uma vida longa
E proveitosa. Seu corpo foi sepultado no
Cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro.

De modo que foi deixou a vida
Para entrar na história, sendo imortalizado
E lembrado por suas incontáveis contribuições
Em vários campos sociais, do
Conhecimento geográfico e econômico.

Passando a ser considerado um dos principais heróis
E patriotas brasileiros e, portanto,
Foi homenageado pela população
E pelo governo de várias maneiras.

Em 1956, o território de Guaporé passou a
Denominar-se Rondônia, em sua homenagem.
Além de ser estabelecido como Patrono das Comunicações
E no dia 5 de maio, data de seu aniversário,
Virar o Dia Nacional das Telecomunicações,
Por decisão do Ministério das Comunicações
E do Serviço de Comunicações do Exército,
De maneira a prestar homenagens ao seu lendário legado.

Aluno Henrique Turma: 103

Rondon - Um herói nacional

Moro na Vila Militar,
No edifício que de Rondon é chamado
E, para o meu azar,
Nada sei sobre esse homenageado

Fui pesquisar
E me deparei com Cuiabá
Não é onde nasceu
Mas onde aprendeu o “B a Bá”

Nos estudos se destacou
E a Escola Militar alcançou

E o mais sensacional
Lá se tornou Marechal

Em outras áreas seu nome é lembrado
Em notas que vieram depois do Cruzado
Ou em nome de Estado
Em Rondônia foi eternizado

Da “Dúvida” batizou um Rio
Do índio se tornou irmão
Ainda que a flecha deixasse por um fio
A vida parar de bater em seu coração

Hoje é FUNAI
No passado, SPI
Pouco importa o nome
A proteção ao índio passa por aqui

Morrer se preciso for,
Matar nunca
lema que, com muito ardor,
eternizou em minha “cuca”

Se hoje falamos “alô!”
Muito disso começou com sua ação
Que, com muito suor e amor,
Espalhou pelo Brasil os cabos de comunicação.

E das Comunicações é o patrono
Seja a militar, seja a civil
E pessoa com tantos adornos
Nunca mais se viu.

Aluno Menezes - Turma 202.

Rondon - O explorador nacional

Era o ano de 1909, quando Cândido Rondon foi convocado para a expedição mais longa, para Tapirapuã.

Cândido não queria deixar sua esposa, Francesca, com quem se casara em 1892. Mas, como um bom explorador, não poderia deixar a aventura fora de sua vida. Ele precisava viver, e logo voltaria, se sobrevivesse.

A noite em sua casa, ele admira seus instrumentos de expedições, prontos para serem usados, arrumando sua bagagem, para partir em poucos dias.

Os dias se passam, e a hora da viagem finalmente chega. Rondon e sua expedição já se despediam de seus entes queridos, para embarcar nessa aventura.

– Está levando roupas, cantis, suprimentos? – perguntou Francesca preocupada.

– Claro, está tudo aqui. Não se aflija, querida. Logo nos veremos de novo. – disse Rondon tentando acalmar a esposa.

– Tome muito cuidado!

– Pode deixar, minha Francesca.

O casal se abraça e, finalmente, ele parte para a aventura.

– Estão todos prontos, homens? Prontos para encarar uma longa aventura? – perguntou Rondon aos seus companheiros.

– Sim senhor! – responderam os outros de forma harmoniosa.

Então, em maio, eles partiram rumo ao distrito de Tapirapuã, com a emoção em seus corações e com o desejo de aventura correndo nos seus sangues.

Depois de tanto tempo, já no mês de agosto, chegaram a Tangará da Serra, onde está localizado o distrito que seria explorado. Rondon e sua expedição pararam para fazer um pequeno acampamento e descansar um pouco.

O jovem Cândido mapeava seu percurso com a ajuda de quatro colegas de longa data que haviam ido juntos liderar a expedição com Rondon.

– Então, senhores... Como podem ver neste mapa da região do rio Madeira, afluente do Amazonas que é localizado nes... – parou de falar ao ver uma sombra invadindo a tenda.

Thomas, um pequeno garoto que havia sido convocado por sua agilidade, chegara na porta com um rosto preocupante.

– Senhor Rondon, é urgente! – o garoto falava em um tom diferente do comum.

– Diga, Thomas. O que é tão urgente para que você fique desse modo? – perguntou, tentando compreender o que havia acontecido.

– Nossos suprimentos, toda a nossa comida acabou. A única coisa que ainda temos acesso é a água proporcionada pelos rios de águas límpidas e doces. – afirmou o garoto – O que faremos agora, senhor?

– Pensarei em uma forma de evitar pânico aos outros e de termos acesso a alimentos mais uma vez. Obrigado por me contar. – agradeceu, liberando o menino para que saísse da tenda.

Rondon estava pensativo sobre o acontecido. Seus planos de viagem para chegar até o rio misterioso ainda demorariam meses. Como ele poderia arranjar um jeito de obter suprimentos novamente?

Depois de refletir por uma noite inteira, apenas com a luz de um pequeno lampião aceso, Cândido teve uma brilhante ideia para o acontecido mais cedo naquele mesmo dia: caçar.

O dia mal tinha começado quando o jovem líder da expedição já estava na frente de todo o seu grupamento.

– Bom dia, grupamento! – disse Rondon.

– Bom dia, senhor! – responderam todos em apenas alguns segundos.

– Como alguns já sabem, mas creio que não deve ser do conhecimento de todo o grupamento, estamos sem suprimentos. Sem nenhuma comida. Apenas água e...

– E o que faremos, senhor? – interrompeu Jorge, um homem com uma barba maltratada, que tinha um charuto em mãos.

– É essa a questão. Depois de me debater com meus próprios pensamentos, cheguei a uma incrível conclusão: Vamos caçar! – afirmou Rondon com um tom de voz triunfante.

– E temos armamento o suficiente, senhor? Já que toda comida acabou, tenho receio de que algum de nossos meios para a sobrevivência desapareça. – falou Thomas.

– Claro que temos armamento. E de sobra, obviamente. Como um explorador poderia ser o que ele é sem ao menos uma arma consigo? – brincou o jovem Cândido.

Todos riram e brincaram nessa hora, até que a seriedade retornou o ambiente.

– Preparem-se para desarmar barracas e colocar mochilas nas costas. Vamos para o norte, onde há alimento e também o nosso objetivo.

Todos obedeceram às ordens e, em pouco tempo, já estavam em direção ao destino misterioso, de encontrar o curioso rio que não possuía

nascente fixa em um lugar.

Após longínquas semanas em busca de suprimentos e sem sequer ter o prazer da água fresca em suas gargantas completamente secas, entrando em uma mata muito fechada, encontraram a foz do misterioso rio que Rondon almejava explorar.

O jovem Cândido Mariano da Silva Rondon achava que havia enlouquecido em acreditar que o rio realmente existia, depois de tantas evidências de ser apenas um mito indígena, mas ele era real e estava bem na sua frente.

Ao anoitecer, o grupamento se fixou nas beiras do misterioso rio e, então, resolveram celebrar, já que também conseguiram caçar vários porcos-do-mato e obter água. Fizeram uma fogueira para que ficassem aquecidos, pois, naquela área, o clima era bem diferente do que o de alguns quilômetros atrás.

Rondon estava inquieto. Mesmo depois de ver tudo com seus próprios olhos, ele sentia que havia algo a mais cercado suas ideias complexas e talvez até o próprio motivo de sua aventura estaria envolto em algo a mais.

– Senhor, está tudo bem? Perguntou Thomas se distanciando da comemoração e se sentando ao lado de seu comandante na exploração.

– Tudo, mas acho que, não sei se é uma ideia mirabolante que minha mente criou, mas, sinto que há algo no rio, que o cerca. Não sei se irá me compreender, Thomas. Posso estar ficando louco, talvez. – disse Rondon, olhando para todos os seus amigos, exploradores e companheiros.

– O senhor não está ficando louco, isso eu posso garantir. Também senti algo além de felicidade quando chegamos na beira do rio. E era um pressentimento estranho. – afirmou Thomas, concordando com tudo o que o seu líder havia dito

No silêncio, Cândido e Thomas respiraram profundamente olhando para o nada.

– Desculpe pela pergunta, mas... o senhor sente saudades de sua família? – perguntou o garoto ao seu chefe.

– Sinto saudades de minha esposa, Francesca. Só queria saber como ela está, vê-la todos os dias. Também sinto falta do meu tio, Manoel Rodrigues da Silva Rondon. Ele quem me criou, mas já faleceu a muitos e muitos anos. – disse Cândido com os olhos iluminados pelas chamas da fogueira.

– Sinto muito, senhor, pelo seu tio. Também sinto falta de meus entes queridos, minha mãe, meu pai e principalmente a minha Emily, a garota a quem estou prometido. Ela é tudo para mim. – disse Thomas, desabafando com o seu coronel.

– Bom... desejo que todos nós voltemos para quem amamos. Já se passaram muitos meses desde a nossa partida. Mas, se formos ágeis ama-

nhã, daqui a poucos dias retornaremos. – afirmou o jovem líder, dando esperanças a Thomas que estava sentado ao seu lado.

– Também espero voltar, senhor. – concorda o garoto.

– Irei me retirar. Quero encontrar a nascente ainda amanhã. Boa noite, pequeno Thomas. – despede-se Cândido.

– Boa noite, senhor – retribui.

Finalmente, Rondon se deita em seu saco de dormir e adormece rapidamente. Nem liga para alguns ruídos que invadem a barraca, e sonha em voltar para sua casa.

Já no outro dia, muito cedo, Rondon e um pequeno grupo de seus exploradores, incluindo Thomas, que se encontrava em uma posição confiante, e Jorge, que estava caindo de sono, com uma arma pendurada em seu braço e uma caixa de charutos escondida nos bolsos de sua calça, começaram a mapear o percurso seguido até a hipotética nascente do rio, localizada ao noroeste no mapa.

– Estão todos prontos para finalmente ver com seus próprios olhos o Rio da Dúvida? – perguntou Rondon ao seu pequeno grupo.

– Como assim, Rio da Dúvida, senhor? – indagou Jorge a Cândido.

– Apelidei o rio assim em homenagem à palavra “misterioso” em guarani: Herugua. É como os indígenas chamam o rio.

– Interessante, senhor. Uma ótima ideia. – disse Thomas

– Obrigado, Thomas – disse Rondon, agradecendo os elogios a sua ideia.

– Mais uma pergunta, senhor... – disse Jorge, com a voz mais rouca que o de costume.

– Diga, Jorge. – pediu o comandante da expedição.

– Ninguém faça nenhum movimento brusco, por favor! – disse Jorge cautelosamente e bem baixo.

– Por que, Jorge? Não é nenhuma de suas brincadeiras?! – perguntou Thomas um pouco enraivecido.

– Não. Na verdade, tem uma onça atrás de vocês. – continuou Jorge.

– Ela quer nos atacar. A posição típica do ataque da onça-pintada. – disse Rondon, analisando o animal.

– O que faremos agora, senhor? – perguntou um dos homens.

– Corram! – gritou Jorge, entrando mata adentro, seguindo o fluxo do rio até a misteriosa nascente.

Todos foram atrás, correndo o mais rápido possível da onça-pintada, que abria sua boca cheia de dentes afiados.

Mas, infelizmente, chegaram a uma encruzilhada, perto da nascente

do Rio da Dúvida, quando Jorge, Rondon e outros dois aventureiros apontaram as armas para a onça, tentando intimidá-la, mas, acidentalmente, a arma de Rondon disparou contra a onça e a matou.

De repente, uma flecha surge e apenas atinge a árvore, então, muitas e muitas flechas surgem do meio da mata fechada, e finalmente, Rondon e seu grupo veem nitidamente três indígenas disparando flechas com penas de araras e tentam se desviar, e uma delas vem na direção de Rondon. Mas Thomas, em um ato heroico, entra na frente e leva a flechada pelo seu comandante.

Jorge, em um ato de imensa fúria, começa a atirar balas no trio de nativos que adentraram a mata e não foram mais vistos.

Thomas, com uma flecha no meio do seu peito, olha para Rondon e todos os seus outros colegas a sua volta.

– Senhor... eu queria agradecer por ser um grandioso mestre, e como um pai para mim, já que o meu faleceu há muito tempo. E meus colegas, obrigado por serem meus melhores amigos, tanto na aventura, quanto na vida! Senhor, se encontrar Emily um dia, diga que eu a amarei para sempre. – disse Thomas com fraqueza na voz.

– Nós que agradecemos por você ser um amigo, ótimo aprendiz e muito mais. – disse Rondon com lágrimas nos olhos.

Todos na roda choravam, enquanto a vida do pobre garoto se esvaia de seu corpo.

Para honrar seu ato de bravura, o corpo de Thomas foi enterrado próximo ao Rio da Dúvida, tendo seu nome entalhado junto com o nome do rio em uma placa fincada no local do acontecido naquele momento de aflição, que de repente se tornou sombrio e triste.

– Vamos, homens, para casa, levando conosco a aventura e a lembrança de nosso jovem amigo que, bom... foi para um lugar bem melhor. – disse Rondon voltando pelo mesmo caminho que o levou ali.

Depois de um mês, finalmente os exploradores voltaram para seus entes queridos e para suas casas.

Com certeza, após essa aventura, Cândido Mariano da Silva Rondon nunca se esqueceria de tudo o que passou. De quem perdeu, do que descobriu... e da imensa aventura que viveu durante todo esse tempo.

Quem sabe, um dia, o glorioso Marechal Rondon voltaria ao Rio da Dúvida?

Aluna Maria Vitória – turma 704

O legado de Cândido Rondon

Era uma tarde ensolarada na pequena cidade de Santo Antônio do Leverger, situada nas profundezas da região pantaneira do Brasil, quando eu, um garoto comum, estava em um estado de descontentamento com a monótona rotina escolar, ansiando por aventuras que apenas encontrei nas páginas de livros. Contudo, o destino parecia ter reservado algo grandioso para mim.

Em certo dia, durante uma incursão à biblioteca local, deparei-me com um majestoso e empoeirado mapa que indicava a existência de um tesouro perdido no coração da densa selva amazônica. Minha mente curiosa e inquieta enxergou nesse achado a oportunidade perfeita para empreender uma jornada digna dos meus heróis literários.

Decidi, portanto, recrutar um grupo de amigos igualmente destemidos para me acompanharem nessa epopeia. Juntos, embarcamos em uma expedição rumo à floresta tropical, devidamente equipados com mochilas abarrotadas de suprimentos e equipamentos baratos, e determinados a desvendar os enigmas do antigo mapa.

À medida que adentrávamos a selva, enfrentamos inúmeros percalços: rios caudalosos, insetos venenosos e densas matas. A cada desafio, o trabalho em equipe e a hegemonia dos conhecimentos foram cruciais para a preservação da integridade de nosso grupo.

No curso de nossa odisséia, deparamo-nos com pistas deixadas por desbravadores do passado, que nos conduziram a uma aldeia indígena. Lá, fomos calorosamente acolhidos pelos nativos, os quais compartilharam conosco narrativas sobre o lendário Marechal Cândido Rondon, um herói das explorações brasileiras, reverenciado por sua ousadia e notáveis habilidades de orientação, além de sua intenção de amizade e paz com os índios.

Inspirados por tais narrativas, decidimos mutuamente continuar nossa jornada incansável e, finalmente, alcançamos o local indicado pelo mapa. Ali, nos deparamos com um tesouro de valor inestimável: manuscritos e registros pessoais de Cândido Rondon e da história do fim do Brasil Império, que revelavam pormenores até então as desconhecidas aventuras de Rondon, e vestígios e curiosidades incríveis do Brasil Império, com Rondon exercendo uma soberana participação com suas tropas.

Nossa expedição de regresso à cidade natal foi permeada por um profundo sentimento de conquista e uma renovada apreciação pela importância da exploração e do conhecimento. Ao retornarmos à nossa comunidade, estávamos nos sentindo seguidos, olhamos a nossa volta e vimos uma enorme onça pintada, decidimos conter a emoção, encarar o animal

e sair andando lentamente, felizmente isso deu certo, porém o cacique de uma tribo apareceu e desejou matar a onça e dar de comida a carne da mesma a sua tribo como alimento.

Eu e meus compatriotas não deixamos que isso acontecesse e convencemos os líderes locais a não matarem os filhotes da onça e nem os prisioneiros que ali estavam presos e outras tribos indígenas, argumentando com o sábio ditado de nosso grande herói, e para eles também, Marechal Cândido Rondon: MORRER SE PRECISO FOR, MATAR, NUNCA! Todos ficaram em silêncio, e decidiram não fazer tal ato, reverenciando Rondon.

Ao voltarmos, compartilhamos nossas descobertas com os conterrâneos, servindo de fonte de inspiração para outros destemidos jovens que igualmente ansiavam por explorar o mundo e expandir seus vastos horizontes.

Essa aventura não apenas enriqueceu nossas próprias vidas, mas também nos instruiu que a verdadeira riqueza reside na busca pelo desconhecido e na disseminação do saber. Desse modo, eu e meus compatriotas nos tornamos, sem saber, protagonistas de nossa própria saga, transmitindo uma valiosa lição que perdurará através das gerações.

Aluno Scoralick Turma 601

Linha Telegráfica de Marechal Rondon

Em 1915, o Brasil era uma vastidão de florestas inexploradas e trilhas desconhecidas. Eu, Yara, residia em um pequeno povoado na região que hoje corresponde à cidade de Santo Antônio, em Rondônia, embora minha origem não estivesse ligada a esse lugar, e sim a uma comunidade indígena um pouco mais distante. Minha mãe, sempre evasiva quando questionada sobre nossa mudança, costumava responder: “Seu pai está trabalhando na construção da linha telegráfica da missão do Marechal Rondon.”

Mas afinal, o que era essa tal linha telegráfica? E quem era esse misterioso Marechal Rondon? Esses eram assuntos que escapavam ao meu entendimento, pois minha mãe insistia que eram temas reservados aos adultos, e eu ainda era muito jovem para compreendê-los.

Um dia, enquanto colhia caju para minha mãe, me vi perdida na densa vegetação. Impulsionada pelo meu instinto infantil, continuei a

caminhar, na esperança de encontrar ajuda ou, talvez, desvendar aquele mistério. Após um longo período de caminhada, deparei-me com algo diferente de tudo que já vira, um grupo de pessoas trabalhando com máquinas estranhas e modernas. Seria aquilo a linha telegráfica? Quando avistei meu pai entre os trabalhadores, senti certeza.

A equipe inteira comemorou por algum motivo desconhecido, e em seguida, eles se dispersaram. Aproveitei a oportunidade para me esconder dentro de uma tenda próxima. No interior da tenda, havia um objeto grande e marrom, repleto de teclas dispostas sobre uma mesa. Dele emanavam sons longos e curtos, alternadamente. Nesse momento, ouvi passos se aproximando, e meu coração deu um salto. Um homem trajando um uniforme verde, identificado com o nome de Marechal Rondon, adentrou a tenda.

O Marechal, depois de entender como eu havia chegado ali, explicou-me o propósito da missão de sua comissão. As linhas telegráficas eram sistemas de transmissão de mensagens que podiam conectar os habitantes das nossas terras com o restante do país. Aquele objeto era um telégrafo e sua existência estava prestes a ser revelada para todos. Ele, então, traduziu o barulho; era uma mensagem de Cuiabá, uma cidade de outro estado brasileiro, que dizia: “Senhor Rondon, se essa mensagem chegou a sua pessoa, venho comunicá-lo que as instalações do nosso estado estão prontas, e como também estão as suas, estamos agora conectados”.

Enquanto ele me acompanhava de volta para casa, suas palavras ecoavam em minha mente. O mistério estava descoberto e era ainda mais interessante do que eu esperava. No dia seguinte, o anúncio da inauguração das linhas telegráficas foi feito e a comunicação que antes parecia distante se tornou uma realidade para Rondônia, o orgulho e a curiosidade se espalharam pela região.

Aluna Luiza Caleia 903



Aluno Pedroza



Aluna Beatriz Gonzalez 8º ano

NARRATIVAS MEMORI- ALÍSTICAS

54

Um dia especial

Naquele dia, acordei entusiasmada, muito nervosa já que desfilaria no aniversário de 29 anos do colégio. Tomando café da manhã e colocando o uniforme gala rapidamente para não me atrasar, senti um ar de garança cada vez que suspirava. Ao chegar no CMJF, encontrei meus amigos, colegas de turma e alguns outros colegas de outras salas. Quando conversávamos sempre perguntávamos uns aos outros:

- Tá nervoso com a formatura?

Sempre falávamos que sim, já que seria um dia épico!

Além de só bater papo, também treinávamos com alguns companheiros como os movimentos, o desfile, para que tudo ficasse perfeito. Cada segundo a mais, o tempo parecia estar devagar, e me perguntava se a formatura iria começar tão tarde, já que tinha esperado um tempo desde que cheguei.

Logo, o sargento nos colocou em forma para que fossemos para o pátio de formatura. Assim que o agrupamento chegou lá fora, percebi que havia um sol muito forte que nos faria passar calor, pois estávamos com blusas de manga longa, as meninas de meia calça e os meninos com a calça.

O sargento posicionou o sexto ano, ajeitando e fazendo com que fôssemos perfeitos. A formatura começou, e o tempo estava ensolarado demais, com os raios solares fazendo do dia, muito abafado. Muitos alunos passaram mal e chamaram o sargento para se sentar na sombra, acalmar os ânimos do corpo um pouco ou para descansar os pés.

Depois de alguns momentos, o nosso Comandante, o Coronel Cláudio fazendo o uso da palavra, nos dizia um belo discurso, que me fizeram pensar o quão me sinto honrada de estudar num colégio tão maravilhoso, que está forjando os líderes do amanhã, e que sou uma desses tais líderes que o futuro terá.

Logo após as palavras do comandante, bradei com honra a saudação escolar, e me preparei para desfilar na frente de muitas e muitas pessoas que assistiam. Morrendo de nervoso de errar, concentrei-me lembrando de todo o treinamento e coragem que eu mantinha dentro de mim, fazendo um bom trabalho junto de meus colegas.

Chegou a hora de voltar para casa, e saí do Colégio Militar de Juiz de Fora, com orgulho, de cabeça erguida e muito feliz de realizar o correto. Em um leve momento, parei e pensei: como vai ser a Formatura do Aniversário do colégio do ano que vem? De uma coisa tive certeza: será emocionante igual a de hoje!

Depois de tanto pensar, acabei refletindo as tantas tradições em que o nome garança já passou, e continuarei as levando para frente, traçando a história do nosso amado CMJF.

Zum Zaravalho!

Aluna Maria Vitória - Turma 704

NARRATIVAS DE AVENTURA

56

Navio Assombrado

Na época em que os povos ainda eram politeístas e cada um tinha sua própria crença, existia um conto em que até hoje acreditam. Era uma história sobre um grupo de piratas que, enquanto partiam de Tortuga até a Ilha de Cabo Norte para negociações, foram surpreendidos com um navio navegando sem tripulação.

Como eram piratas, não evitaram a curiosidade e decidiram investigar o local. Após invadirem o navio, perceberam a quantidade de tesouros valiosos e joias raras, além de diversos materiais preciosos. E por isso, eles saquearam o barco e retornaram a sua rota.

Entretanto, uma tempestade atrapalhou o objetivo e os tripulantes, que se acostumaram a tempestades, ficaram com medo de tamanha violência dessa tempestade. Eles começaram a realizar suas preces, porque eles não viam saída, estavam em alto-mar e não viam nenhuma terra à vista. Mas elas não surtiram efeito, o navio afundou com os piratas.

Para a surpresa, eles não morreram de fato. Assombrosamente, os tripulantes estavam na presença de belas criaturas que se assemelhavam a jovens moças, porém mais graciosas e com aparência duras. Eles não conseguiram reconhecê-las

- Percebemos o não entendimento de quem somos nós - falou a mais esbelta do grupo.

- Somos as Lipinas, espíritos marinhos responsáveis pela paz entre o reino marinho e o serrano. Em cada virada de lua trocam-se presentes e ofertas entre nós. O navio que vocês saquearam eram as ofertas do nosso reino. Nos irritamos com a ousadia de vocês.

- Mas, nós não sabíamos sobre a oferta, e nem o mais o mais precavido dos piratas resistiria. Por isso pedimos sinceras desculpas - afirmou o mais corajoso dos piratas.

- Sabemos disso e por isso ao invés da morte, deixaremos passar, com uma condição: em cada virada de lua, defenderiam o navio terão a juventude durante 100 anos.

Dizem que até hoje eles cumprem a pena. Que toda virada noite, alguns homens somem de onde estiverem e defendem o navio.

Aluna Natália - Turma 703

NARRATIVAS

TRABALHOS MEIO AMBIENTE

58



Aluna Mariana Fazza - Turma701



Aluna Filipino Martins – Turma 702



Samuel Lucas – Turma 701



Diagramado por:



© maquinarium

COLÉGIO MILITAR DE JUIZ DE FORA



FORJANDO OS LÍDERES DO AMANHÃ

